



FEB - FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

"Conspira contra sua própria grandeza, o povo que não cultiva seus feitos heróicos"



Marcos Moretzsohn Renault Coelho

SOLDADO MÁRIO COUTO DEPOIMENTO DE UM HERÓI DA FEB

Mário Couto nasceu em 03 de maio de 1921 em Belo Horizonte, MG. Filho de Teófilo Couto e Ana de Moraes Couto. Atualmente com 96

BHte. Mais tarde, foi transferido para a 6ª Cia do 11º RI, em São João Del-Rei/MG, e de lá seguiu para o Rio de Janeiro. Em 22/09/44, integrando o 2º Escalão da FEB, o Sd Mário Couto embarcou no navio Gen Meigs com destino à Itália.



Mário Couto na atualidade

anos, vive na capital mineira e ainda se emociona ao se lembrar da guerra.

Em 1943, foi selecionado para fazer parte do CPM (Centro de Preparação Militar). Ali recebeu as primeiras instruções e em seguida foi incorporado à 8ª Cia do 10º RI, em

Trágica Patrulha em Abetaia - 17.02.1945

"Sob comando do 2º Ten Bruno Vollmer, nós do 1º pelotão da 6ª Cia do 11º RI recebemos a missão de fazer uma patrulha na localidade de Vale, localizada logo depois de Abetaia, nas proximidades de Monte Castello. Às vésperas da missão o 2º Sgt Fernando Fontes apresentou-se ao pelotão e a pedido do tenente veio falar comigo querendo saber quais eram as orientações.

Às 23:30min o tenente reuniu a turma e perguntou se havia alguém sem condição de fazer parte da perigosa missão. Apenas um se apresentou e foi prontamente substituído pelo Sd Francisco de Almeida, meu grande amigo e cozinheiro. Partimos à meia noite. Eu e o Sd Salvador Claudino Chacon fomos como escaleadores.

Ao chegarmos em Abetaia uma parte do pelotão foi vistoriar a primeira casa à esquerda e a outra parte foi vistoriar a segunda casa a direita. Eu, Vivaldo José da Paz e o Ten Vollmer fomos para o 2º andar da segunda casa. Encontramos várias armadilhas que tivemos muito cuidado para não tocá-las. Quando já estávamos saindo aconteceu uma grande explosão no 1º andar que causou o desmoronamento de parte da casa. Ouvimos gritos de socorro e com muita dificuldade, devido à poeira e à grande quantidade de entulho, conseguimos descer as escadas. Reconhecemos a voz do 3º Sgt Otton Arruda Lopes. Ele havia entrado pela porta dos fundos e pulado um balcão. O tenente perguntou a sua localização e em seguida



A casa onde tudo aconteceu

mandou que eu verificasse. Quando cheguei à porta encontrei um companheiro em estado de choque que me disse "abriu esta porta e explodiu tudo lá dentro". Entrei. Sentado no chão à minha esquerda, encontrei o Sgt Fontes e logo à frente o Sgt Otton estava soterrado pelos escombros. Somente sua cabeça estava descoberta. Iniciei o trabalho para salvar o companheiro removendo as pedras, tijolos e a terra que o cobriam. Naquele momento retirei o corpo inerte do Sd Almeida de cima do sargento, e mais a direita, o do Sd Geraldo Ribeiro de Resende. Pedi socorro para retirar o Sgt Otton e fui prontamente atendido pelo colega José Antônio dos Santos, mas ele estava tão desorientado que não tinha forças suficientes para carregar o sargento e transpor o balcão para que saíssemos da casa. Fui obrigado a ser até um pouco agressivo para que ele voltasse ao normal. Só assim conseguimos levar o Sgt Otton para fora da casa e ficamos a salvo do desmoronamento. Quando o colocamos no chão ele falou "Couto, estou com as costas no frio", então o Sd Ademir Dias dos Santos colocou uma tábuia debaixo para protegê-lo.

Lembro-me que o tenente pediu para ele não gritar e o sargento Otton calou-se. Os alemães ainda estavam por perto, por isso o tenente havia feito o estranho pedido ao ferido. Voltei para retirar os demais colegas. Fui até o Sgt Fontes e pedi que segurasse em volta do meu pescoço para que eu pudesse erguê-lo, e quando o levantei, uma das suas pernas caiu e a outra ficou pendurada. Tive que colocá-lo novamente ao chão. Ele falou "mamãe" e tombou a cabeça já sem vida. Retiramos ainda os corpos dos Sds Almeida e Resende.

Após os serviços de resgate dos mortos e feridos, eu, Vivaldo e Marcelino fomos para frente da casa. O Marcelino teve uma crise nervosa e queria atacar os alemães de qualquer jeito. Foi com muito custo que conseguimos contê-lo e acalmá-lo.

Voltei a minha função de escaleador dando cobertura ao mensageiro Jorge Justino dos Santos. Depois de algumas horas fui à igreja de Bombiana onde estavam os mortos e também o Sgt Otton, que gravemente ferido, foi removido para o hospital de Livorno.

Somente após meu regresso ao Brasil tomei conhecimento que o Sgt Otton havia perdido parte de sua perna direita. Foi mandado para os Estados Unidos, e depois de se submeter a várias cirurgias, passou a fazer uso permanente de aparelho para lhe equilibrar a perna".

* Presidente da ANVFEB-BH e da ABPVM - Integrante da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil



A bordo do navio Gen. Meigs, Mario Couto entre o Sgt Diogo Gualberto de Souza Filho e outro amigo



HERÓI DA FEB

2º Tenente EUPHOSINO DE ALMEIDA

Aos 21 anos de idade, segundo seu neto Samora Machel Messias Almeida, foi sorteado para servir o Exército Brasileiro. Tinha ele condição física excepcional e se destacava nas competições de 1.500m e 5.000m, além de salto em altura e salto em extensão. Na época, 1942, o mundo enfrentava a 2ª Guerra Mundial. Depois de terminadas as competições internas de atletismo no exército Euphosino embarcou para a Europa cruzando o Atlântico para enfrentar as forças alemãs em combates na Itália. De família humilde, trabalhou em lavouras de café até os 20 anos, quando juntamente com sua família foram ser colonos de 8.500 pés de cafés. Com apenas um dia na Itália, entrou em combate. Lembrando das cidades, das montanhas da Itália, dos Bosques e das florestas. Dizia ele:

"Nós, soldados brasileiros, quando participamos da II Grande Guerra Mundial, passamos por Nápoles e Pompéia, que naquela época tinham 5.500 anos, passamos também em Monte Casino, Roma, Livorno, Piza, Lucca e Pistóia, cidade onde fica o cemitério em que foram enterrados os soldados brasileiros mortos em combate. Passamos também por Florença, Estáfules, Galeno, Torino, Gênova, Milão, Laspezia, cidade de Pádua, Bolonha e Veneza, cidade que tem uma



Capitão Adriano Pires Ribas



parte dentro d'água. Quando não estávamos no "front", tivemos o grande prazer com muito orgulho e respeito, em repartirmos a nossa refeição, o nosso almoço com as crianças da Itália. Na hora que iamos almoçar apreciavam cerca de 100 crianças pedindo comida, eles nos diziam: "Brasiliano, da mandiare pra bambino, cigarete pra papa e caramelo pra mama." Tivemos o grande prazer de repartir. Eles almoçavam conosco, depois enchíamos um caldeirão de comida que eles levavam para o papai e a mamãe. No Vaticano, em Roma, fomos homenageados e abençoados pelo Papa, que nos disse:

"- Onde tem soldado brasileiro, as crianças não passam fome."

Com o fim da guerra, em 8 de maio de 1945, após os alemães se renderem, Euphosino permaneceu na Itália exercendo missão de ocupação de território, até que os acordos militares fossem assinados. Ao retornar para o Brasil, ele recebeu a medalha e o diploma de campanha, assinado pelo General Canrobert da Costa, ministro da Guerra à época. Licenciou-se do Exército em 1946, por decreto do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.

Euphosino se aposentou como 2º Tenente do Exército Brasileiro.

Enfim. Euphosino de Almeida é a cara do povo brasileiro.